

*Instrumentos e
cantos sagrados*



Abatazeiro tocando tambor da mata - Bacabal

Sessão educativa 5

Instrumentos e cantos sagrados

Esta sessão foi elaborada para proporcionar um entendimento qualitativo sobre o universo afro-religioso no contexto do Maranhão, através de informações sobre musicalidade e instrumentos musicais utilizados em terreiros. A musicalidade é uma rica expressão cultural e, no contexto das religiões afro, contribui para a construção de identidades, configurando elemento fundamental nos rituais para a comunicação com as entidades espirituais. Os instrumentos musicais são utilizados para criar um ambiente propício à manifestação das entidades espirituais e para facilitar a conexão entre os praticantes e o divino.

Um indicativo claro que reforça a importância da musicalidade nos terreiros é a própria denominação aplicada a essas religiões como “batuque”, que, como destaca Gustavo Pacheco (2004), “era um termo genérico usado pelas autoridades coloniais portuguesas para as danças e cultos religiosos dos escravizados africanos, e hoje é o nome das manifestações religiosas de origem africana do Pará e do Rio Grande do Sul”. Além do mais, o termo utilizado para as religiões afro-maranhenses é Tambor de Mina, cuja relação com a música é intrínseca, com destaque para o tambor, instrumento que vamos conhecer melhor nesta sessão.

Compreender e respeitar a musicalidade e os instrumentos musicais das religiões afro-brasileiras é essencial para promover a inclusão e combater o racismo religioso, uma vez que a falta de conhecimento sobre o tema leva à perpetuação de preconceitos e discriminações. Ao estudar aspectos das religiões afro, os estudantes têm a oportunidade de desconstruir ideias preconcebidas e promover o respeito à diversidade, exercendo sua cidadania.

Além disso, ao incorporar o estudo da musicalidade no processo de ensino-aprendizagem, os educadores proporcionam aos estudantes uma visão ampliada do patrimônio religioso brasileiro, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, capazes de valorizar e respeitar a diversidade em todas as suas manifestações, tendo em vista que os terreiros são locais de preservação dos elementos afro-brasileiros, através da culinária, línguas africanas, vestimentas, música, dança.

O universo musical do Tambor de Mina é amplo e diversificado. Pacheco (2004), um dos poucos pesquisadores que se debruçaram sobre as diversas linguagens musicais que integram o Tambor de Mina, demonstra que essas formas musicais são muitas e muito variadas, trazendo algumas dessas variações, como: os benditos e ladainhas cantados antes do início dos toques; as cerimônias públicas realizadas apenas poucas vezes ao longo do ano para diversas linhas espirituais, tais como o tambor de índio, o baião e a cura ou pajelança; os folguedos realizados a pedido de entidades espirituais (conhecidas de forma genérica como encantados), como o Tambor

de Crioula e o Bumba boi de encantado; sem falar no toque de caixa característico das festividades do Divino Espírito Santo, realizadas em muitos terreiros. Entretanto, aqui exploraremos o universo das doutrinas e dos instrumentos musicais que dão cadência a esses rituais afro-religiosos.

As doutrinas são cânticos, muitas vezes chamados de pontos, específicos para cada entidade espiritual e são versos que homenageiam ou contam sua história, podem também trazer ensinamentos, mensagens dos guias espirituais e ainda podem servir para uma cerimônia ou momento particular, como abertura e fechamento de tambor. Elas podem variar de acordo com a especificidade afro-religiosa, por exemplo, no Tambor de Mina, o cântico de abertura é o Embarabô, no terecô é o Louvariê.

Muitas doutrinas são de domínio público e vem sendo repassada por gerações, como destacou Mundicarmo Ferretti (2014, p. 72) “as doutrinas são “tiradas” pelos encantados durante os rituais ou ‘dadas’ por eles aos pajés em sonho ou em vigília e ensinadas por eles durante os rituais”. Elas são uma forma de evocar e homenagear as entidades espirituais e podem variar, refletindo a diversidade de influências dentro dos terreiros.

Na abertura do Tambor de Mina, há uma sequência de doutrinas a serem cantadas e uma hierarquia a ser seguida. No Terecô, por exemplo, começa com o dono da casa e, na sequência, os terreiros visitantes, no que chamam de pagamento ou troca de visita, que consiste em retribuir uma visita feita em sua tenda. Além disso, podem pedir licença para cantar e para salvar/saudar a tenda. Na abertura, quem vai para a boca do tambor¹ é o dono da casa, geralmente depois ele passa para quem canta, que é o pai/mãe, mãe pequena ou a segunda pessoa da casa, também há terreiros em que todos cantam, como o Tenda São Jorge de José Jordelino, conhecido como Pajezinho, no município de Carutapera.

A quantidade de doutrinas a ser cantada pode variar de acordo com a casa, como no terreiro abaixo, que colocou uma placa com a seguinte orientação “caros irmãos, por estarmos em festejo, pedimos que ao vir ao Tambor, jogue apenas 5 doutrinas, para que todos tenham a mesma oportunidade.”

As doutrinas falam de lugares, profissões, situações geográficas, situações cotidianas, características das entidades, iconografias, instrumentos musicais, origem, família, reinados, lugares onde moram, apetrechos de trabalho. Elas têm como objetivo louvar, chamar, energizar e reafirmar a fé do médium. A seguir vamos conhecer algumas:

¹ A pessoa que vai para a frente do tambor guia passar/cantar a doutrina.

Caros irmãos, por
estarmos em festejo
pedimos que ao vir
do tambor, jogue apenas
5 doutrinas, para que
todos tenham a mesma
oportunidade.

Solicitação para que os convidados cantem apenas 5 doutrinas

Fonte: Jandir Gonçalves

Lugar onde moram

Vá buscar cabocla lá na mata do Codó
Manda buscar caboclo na mata do Codó
Vem cá caboclo, tô na eira, caboclo só.

(Doutrina sobre a Mata de Codó)

Em cima daquele morro
eu vi o raiar de sol,
É rei Sebastião lá na praia do lençol.

(Doutrina de Rei Sebastião)

Cabocla encantada
Da ilha dos Caranguejos
Pele morena bronzeada
Que pena que não te vejo
Uns dizem que ela é homem
Outros dizem que ela é mulher
Na verdade, eu só sei que ela mora
na aldeia de Tapindaré

(Doutrina da cabocla Ita)

Nomes ou como querem ser chamados

“eu vou dizer o meu nome,
que é para saber me tratar,
meu nome é...”

Contam sua história

Ê todo mundo chorou, chorou de dor.
Foi quando a notícia correu.
Mataram o malandro, Zé Pilintra morreu.
Ai, ai, meu Deus, fizeram uma traição
Lhe deram uma facada na veia do coração.

(Doutrina de Zé Pilintra)

Eu nasci no arvoeiro
E me criei lá no alto do mar
O meu nome é Folha Seca,
Filho de Légua Buá
Meu pai é Légua Boji
Eu sou Légua Buá
É o mar, é o céu
É o céu, é o mar
O vento ventou
Foi lá na mata
Jogando as folhas secas no chão
O vento já parou,
A folha já caiu
Seu Folha Seca apanha uma por uma.

(Doutrina do seu Folha Seca)

Profissões e apetrechos de trabalho

Ô cadê meu mará, as água levou (2x)
As águas do mar são loira e ninguém vai lá (2x)
Ninguém vai lá, ninguém vai lá, é loira e ninguém vai lá. (2x)
Caçador que anda caçando(2x)
Se tu ver minha sururina faça favor de não matar(2x)
É caçador mamãe que anda caçando(2x)
A minha bichinha a passear(2x)
Ô Zé de légua meu boi tá amarrado no mourão(2x)
Não mata meu boi Zé, não mata meu boi não(2x)
Eu sou uma curadeira,
moradeira de Itabaiana.
Lá se pesca, quando eu deixo,
assim mesmo, de ano a ano.

(Doutrina sobre profissão de uma cabocla)

Situações geográficas

Batazeiro do meu pai
Bate uma marcha só pra mim
minha morada é muito longe
moro em Itacolomi.

(Doutrina sobre a Pedra de Itacolomi)

Na cachoeira de Rosário onde eu moro
Lá tem um peixe tubarão
Lá tem um mero, lá tem cação
Lá tem um moço que se chama Dom João.

(Doutrina de Dom João)

Característica das entidades

Sou mãe d'água loira
Os meus olhos é azul
A minha morada é lá
No Rio Itapecuru.

(Doutrina sobre Mãe D'Água)

Sou eu Mãe D'Água preta
Lá do poço de beber
Eu vejo gente
Oh gente não me vê.

(Doutrina sobre Mãe D'Água)

Reinados

O caminho do meu pai,
É do Brasil até a França
E o nome do meu pai é
Dom Luís, é rei de França.

(Doutrina de Dom Luís Rei de França)

Ô Zé, ô Zé, mas tu não mexe lá no reino de Badé (2x)

(Doutrina sobre um reino- Badé)

Instrumentos musicais

Tava tocando minha mariba meus caboclos,
Ah, eu sou marimbeiro
Tava tocando minha mariba no Codó
Ah, eu sou marombeiro.

(Doutrina sobre o instrumento mariba)

Os ritmos musicais dentro de um terreiro podem variar de acordo com as tradições locais e as entidades que estão sendo cultuadas, promovendo uma diversidade sonora. Por exemplo, no Tambor de Mina temos ritmos específicos, a mina corrida, dobrada e compassada, além disso, os instrumentos também variam de acordo com a região.

Pacheco (2008) mostra que todas essas cantigas se encaixam em alguns poucos ritmos, geralmente não mais do que três ou quatro, com algumas poucas variações. Para ele, tanto na mina nagô como na mina jêje apenas dois ritmos são facilmente identificáveis por qualquer praticante: o dobrado e o corrido, embora os

toques “dobrado” e “corrido” da mina nagô sejam diferentes do “dobrado” e “corrido” da mina jêje, com acentuação, velocidade e nuances rítmicos distintos.

Além desses dois toques, ele destaca que existem outros, como o repinicado na mina jêje, o cadenciado e o sapateado na mina nagô, mas há muita discordância sobre a nomenclatura e sobre a própria natureza desses toques, que ora são vistos como variantes dos dois ritmos principais, ora são vistos como ritmos com identidade própria.

Nós vamos conhecer agora os instrumentos musicais que acompanham as doutrinas em rituais no Maranhão, sendo o mais comum a parelha de tambores/ abatas/ batá, o tambor da mata, o ferro e as cabaças/cuicas, mas também temos pandeiro/ adufe, borá (uma sessão de taboca ou um búzio), saxofone, sanfona, triângulo, agogô, matraca, maracá, tarol, pífano/pife, taboca, ganzá (feito de lata de óleo vazia, com um ou dois tubos) e recursos (assobios, imitação de pássaros, garrafas, folhas de flandres, caixa).

A parelha de tambores/ abatas/ batás são instrumentos musicais membranofones com encouramento duplo, utilizados em pares e mais raramente em trios. Eles são conhecidos como tambor guia e contra guia e, dependendo da região, é tocado em um ou nos dois lados, é fixado na horizontal sob cavalete e um é sempre um pouco maior do que o outro. Pacheco (2004, p. 19) diz que “esse tambor é chamado geralmente de tambor da frente ou tambor grande, e é o primeiro a tocar, como nos lembra o ditado que diz “quando tambor pequeno fala, tambor grande já falou”.

Fonte: Jandir Gonçalves



Abatas/batas em terreiro de Viana

Tambor da mata em cavalete / terreiro em São Luís



Tambor da mata / terreiro em Viana



O tambor da mata é um instrumento membranofone feito de seção de madeira ocada, com encorajamento simples, usado sobre cavalete/cavalo, e na maioria das vezes, ele é cavalgado pelo abatazeiro, que também pode ficar na lateral. É usado em conjunto com os abatás, ferro e cabaças. No Terecô percebe-se atualmente que, além do Tambor da Mata, há a inclusão de tarol, saxofone, sanfona e, por vezes, os abatás, ferro, maracás, ganzás e gã.

Os tambores são vivos e por isso são batizados e recebem nomes, que nascem em algum momento do culto e podem ser nomes africanos ou brasileiros, tais como Estrela Guia, Força do Mar, Flor do Mar, Rei da Mata, Rei de Mina, Vento Branco, Ronco da Pedreira, Água Branca, Tambor contra guia Cabocla Flecheira, Tambor de frente Pena Roxa. Estes nomes não obrigatoriamente estão inscritos no tambor. Eles são cobertos com toalhas e usados em conjunto com o tambor da mata, cabaças e ferro. Em São Luís, algumas casas antigas não usam o tambor da mata.



Parelha de tambor da tenda umbandista da Vera Cruz - Povoado São Lourenço/Vitória do Mearim

Fonte: Reinilda Oliveira

Para sua feitura são utilizadas madeiras de lei, madeiras nobres, por sua qualidade e resistência ao ataque de insetos e umidade, pois, além de durar mais que as outras, propicia melhor sonoridade. São exemplos de madeiras usadas o cedro, criviri/criuli, macaúba, ameju e os tambores são encourados com diferentes peles. Na região da Baixada Maranhense, costumam usar couro de cobra sucuriju/sucuri nos tambores guia e contra guia e no tambor da mata usam couro de boi. Podem usar também couro de cabra na produção dos três tambores.

Parelha de tambor - Povoado Recurso-Santa Rita



Fonte: Reinilda Oliveira

Para Pacheco (2004, p. 19) o tambor da mata é um tambor de madeira bastante similar ao tambor grande que integra o trio de tambores do tambor de crioula. Diz-se que o tambor da mata tem origem na nação Cambinda/Cabinda, e é associado à linha da mata de Codó; lá o tambor da mata é encourado com cravelhas de madeira e afinado no fogo. Em São Luís e na maior parte do estado, é afinado por torniquete, como os batás.

Em alguns municípios, outros instrumentos como saxofone e sanfona entram para enfeitar a musicalidade nos terreiros. Não se tem informações concretas sobre o período em que eles foram inseridos, mas, em cidades do Centro e Leste do estado eles aparecem bastante, sendo o saxofone mais utilizado em Coroatá e a sanfona em Barra do Corda. Ambos podem cantar sozinhos uma doutrina ou cantar metade dela e as pessoas respondem com a outra parte, quando a doutrina requer uma resposta.

Saxofone da Tenda Santa Bárbara / Lima Campos



Fonte: Jandir Gonçalves

O borá é uma sessão/pedaco de bambu utilizado como instrumento aerofone em festa de caboclo/índio, na região da Baixada e do Pindaré. Ele comanda o início, meio e fim do ritual, além de fazer a chamada dos caboclos. Ele funciona em conjunto com o abatas, tambor da mata, cabaças, ganzás e por vezes é acrescido de assobios. Na ilha de São Luís, o termo Borá também é conhecido como Tambor de Índio, onde utiliza-se um búzio grande como instrumento musical com as mesmas funções do borá de bambu.

Fonte: Jandir Gonçalves



Borá em festa de Caboclo - Tenda São Raimundo Nonato / Povoado Cara de Pau/Monção

Êhêhêhêh no meio da mata
Caboclo tocou borá
Lá na mata da Jurema serenou
Caboclo da Pena Dourada
Lá na mata da Jurema.

(Doutrina que fala de borá)

O pife/pífano, seção de bambu, é um instrumento musical aerofone, utilizado no Terecô, em cidades do centro e leste do Maranhão; também nessa região localizam outros instrumentos como sanfona, saxofone, tarol, triângulo e ganzá. O pífano funciona como uma flauta transversal, em conjunto com o tambor da mata, maracás e ferro. Atualmente, é bastante usado em qualquer báia no Terecô.

Fonte: Jandir Gonçalves



Tenda Espírita Santo Antônio- Santo Antônio dos Pretos/Codó

O tarol é um instrumento de percussão versátil, bi-mebranofone, capaz de produzir uma ampla gama de sons, dependendo da técnica de execução e da afinação das peles. Ele pode ser tocado de forma solista ou em conjunto com outros instrumentos de percussão, criando diferentes texturas sonoras. Ele é bem utilizado em diversas regiões, principalmente no Leste, Centro, Sudoeste e Baixada Maranhenses.

Fonte: Jandir Gonçalves



Tarol em Tenda São Sebastião/Monção

O tambor de taboca, seção de bambu utilizada em par, é um instrumento idiofone, percutido em cima de uma pedra, utilizado em conjunto com o tambor da mata, abatás, ferro e cuícas (cabaças) em municípios do Litoral Ocidental Maranhense.

Fonte: Jandir Gonçalves



Tambor de Taboca/Cururupu

No Tambor de Mina, as cabaças, também chamadas de maracás/chocalhos, sempre acompanham os tambores; sua quantidade e tamanho são variados conforme a casa, já os maracás/chocalhos são mais utilizados no Terecô com a mesma função. O instrumento musical é o fruto da cabeceira, recoberto com uma rede de fios com sementes de santa maria/lágrimas de Nossa Senhora encastoadas e tem variações, podendo ser feitas também com contas, miçangas e botões.



Cabaças em terreiro de Cururupu

O maracá, também conhecido por chama, é o principal instrumento do curandeiro, como argumentou o pai de santo de São Luís, Euclides Menezes (2003). É feito de cabaça, preferencialmente da cabaça do uruá, uma planta rasteira, cujos frutos são pequenos, já na medida certa para a confecção do maracá. Após a cabaça ficar seca, são retiradas as suas sementes, para que sejam colocadas as sementes da sororoca. Na parte inferior do maracá é colocado um cabo de madeira, onde o pajé segura, para sacudi-lo, emitindo um som bastante parecido com o som do chocalho da cobra cascavel.

Fonte: Reinilda Oliveira

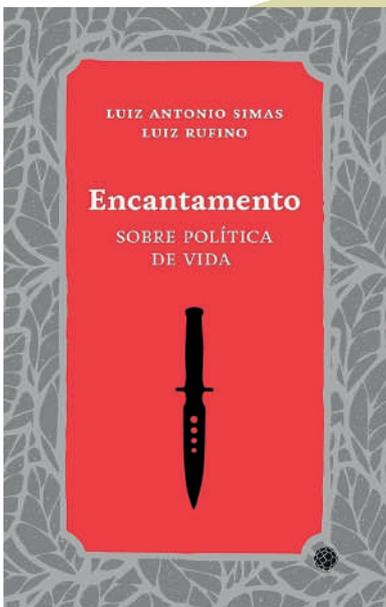


Maracá na mão do pai de Santo Gustavo- São Luís

Por fim, não podemos esquecer dos tocadores de tambor, que são indispensáveis para qualquer festa de terreiro, são chamados de batazeiros ou abatazeiros e podem ser homens e mulheres, que, no geral, fazem parte do terreiro ou podem ser contratados na ocasião da festa ou celebração. Há também os tocadores dos outros instrumentos, pois alguns instrumentos não são considerados instrumentos de especialistas, isto é, podem ser tocados por praticamente qualquer pessoa. A cabaça é o o mais comum de ser tocado por não especialistas: em primeiro lugar, elas são um meio de fazer com que mais pessoas participem ativamente da cerimônia; em segundo lugar, e talvez mais importante, elas funcionam como uma espécie de laboratório musical para aqueles que estão sendo socializados no culto, como as crianças e os visitantes (Pacheco, 2004).

Esta sessão pode ser trabalhada para fortalecer o respeito à diversidade, a compreensão cultural e a construção de uma sociedade mais inclusiva, tendo em vista que, ao reconhecer e valorizar as tradições religiosas afro-brasileiras, contribuimos para a construção de um ambiente educacional mais enriquecedor e respeitoso com as múltiplas identidades do país. Ao trazer a musicalidade afro-religiosa para o ambiente educacional, os professores têm a oportunidade de trabalhar elementos da ludicidade e sensibilidades sensoriais, atreladas à história e cultura popular no Brasil e no Maranhão. Dessa forma, os estudantes aprendem sobre a musicalidades nas religiões afro-maranhenses, desenvolvendo habilidades críticas e sensibilidade cultural.

Quem escreve sobre isso



NEGRI, Pablo Rodrigues. A musicalidade no candomblé: música e corpo como elementos rituais. *Revista Brasileira de Música*, v. 25, n. 1, 2012.

OMENA, Maria Cristina de Souza. *Corpo e dança no Candomblé: saberes de corpo inteiro*. Tese de doutorado: USP, 2006.

PACHECO, Gustavo. A música do Tambor de Mina. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*, nº 28, p. 16-23, São Luís, junho, 2004.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *O corpo da fé: um estudo sobre o corpo e a religião no Candomblé*. Editora: Terceiro Nome, 2007.

SIMAS, Luiz Antônio & RUFINO, Luiz. *Encantamento: Sobre política de vida*. Editora: Mórula, 2020.

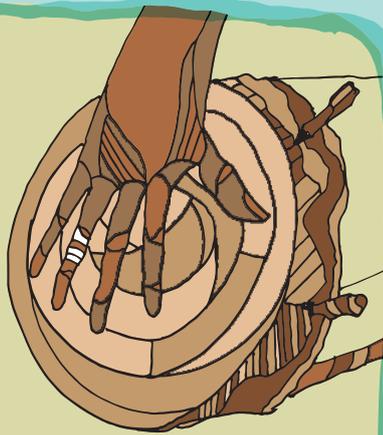
Referências

FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na Guma**: o Caboclo no Tambor de Mina. São Luís: EDUFMA, 2000.

FERREIRA, Euclides Menezes. **Pajelança**. São Luís: Editora Estação Produções LTDA, 2003.

PACHECO, Gustavo. A música do Tambor de Mina. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, nº 28, p. 16-23, São Luís, junho, 2004.

INSTRUÇÃO TÉCNICA E ELABORAÇÃO DAS SESSÕES EDUCATIVAS DA ABA EDUCATIVO DO MUSEU AFRO DIGITAL DO MARANHÃO



*Instrumentos e
cantos sagrados*

Pesquisa e Texto:

Reinilda Oliveira e Jandir Silva Gonçalves

Orientação:

Viviane de Oliveira Barbosa

Capa e Projeto Gráfico:

Claudio Lima

Fotografias:

Reinilda de Oliveira Santos

Jandir Silva Gonçalves

Apoio:

Universidade Estadual do Maranhão

Programa de Pós-graduação em História

Museu Afro digital do Maranhão



ROTEIRO DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Tema da sessão	Instrumentos e cantos sagrados
Objetos do conhecimento¹	Herança histórico-cultural e a importância da preservação da memória.
Série	1ª Série do Ensino Médio
Duração	2 aulas
Área do conhecimento na BNCC / Subárea	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas / História
Competências da área na BNCC	3. Reconhecer e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, locais e mundiais, e participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. 4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica.
Habilidades da BNCC	(EM13CHS502) - Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
Habilidades COPEM	(EM13CHS104) - Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

¹ De acordo com o Caderno de Orientações Curriculares para o Ensino Médio da Rede Estadual do Maranhão (COPEM).

Habilidade sugerida	Reconhecer e valorizar a musicalidade e os instrumentos musicais afro-religiosos como prática cultural e religiosa afro-brasileira, analisando seus elementos sonoros, ritmos, instrumentos e doutrinas, e compreendendo sua relação com os contextos históricos, sociais e religiosos, a fim de promover o respeito à diversidade cultural e religiosa, gerando empatia, respeito à diversidade, além de colaborar com o desenvolvimento do pensamento crítico e da sensibilidade estética.
Palavras-chave	Religião afro-maranhense, tambor, musicalidade, doutrinas, estética afro-religiosa.
Aprendizagens essenciais na BNCC	Respeito aos direitos humanos e à interculturalidade e o combate aos preconceitos de qualquer natureza.
Objetivos²	<ul style="list-style-type: none"> - Compreender a importância da musicalidade e dos instrumentos musicais no processo de ensino-aprendizagem, proporcionando aos estudantes uma visão ampliada do patrimônio religioso brasileiro, contribuindo para a formação de cidadãos críticos, capazes de valorizar e respeitar a diversidade em todas as suas manifestações. - Conhecer os instrumentos musicais utilizados nos terreiros do Maranhão, além de refletir sobre as doutrinas e sua relação com a vida das entidades cultuadas nas religiões afro.
	<p>- Sala de Aula Invertida: Pedir que os estudantes pesquisem na internet instrumentos musicais associados aos rituais afro-religiosos.</p> <p>1ª aula - Exploração Teórica</p>

² No Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade.

<p>Metodologia de Ensino</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Abrir a discussão apresentando uma breve introdução sobre as religiões afro, enfatizando que a musicalidade é uma rica expressão cultural e, no contexto das religiões, contribui para a construção de identidades, configurando-se como elemento fundamental nos rituais e na comunicação com as entidades. Destacar que os instrumentos musicais que os estudantes vão conhecer na sessão são utilizados para criar um ambiente propício à manifestação das entidades espirituais e para facilitar a conexão entre os praticantes e o divino. - Problematizar a aula a partir do que os estudantes pesquisaram sobre o tema; - Dividir a turma em 6 grupos para leitura em sala (um para cada tópico apresentado na sessão). <p>2ª Aula - Atividade Prática/Avaliativa</p> <ul style="list-style-type: none"> - Discutir a temática, estimulando o debate e a troca de ideias entre os estudantes, a partir de reflexão crítica sobre a diversidade religiosa e cultural afro-brasileira através da musicalidade e dos instrumentos musicais apresentados na sessão. - Apresentação dos Grupos - cada grupo apresenta os instrumentos musicais escolhidos através de um resumo do tópico lido, com destaque para o tipo material de confecção, características, som produzido.
<p>Recursos Didáticos e tecnológicos</p>	<p>Sessão MUSICALIDADE E INSTRUMENTOS MUSICAIS (PDF), data show e computador para expor fotografias, reportagens, filmes, documentários; entrevistas com membros de terreiros.</p>
<p>Sugestão de interdisciplinaridade</p>	<p>Disciplinas: História, Arte, português e Educação Física</p> <p>Duração: 3 aulas</p> <p>Tipo: Feira musical</p> <p>Local: Pátio, auditório ou uma sala de aula</p> <p>Título: No ritmo dos batuques afro-religiosos</p>

Objetivo: Promover uma reflexão sobre as religiões afro-maranhenses, abordando aspectos históricos e expressões artísticas baseados nas doutrinas e instrumentos musicais afro, integrando os conhecimentos de Arte, Português, Educação Física e História, em um trabalho coletivo e reflexivo. A ação busca estimular a valorização das tradições afro, analisando os ritmos, cantigas, instrumentos musicais e seus significados dentro dos rituais.

1ª Aula

- Os professores das quatro disciplinas irão escolher previamente os grupos;
- Para o dia da feira musical, será necessário levar, além dos instrumentos musicais, outros elementos para ornamentar e enriquecer as apresentações, como cartazes, fotografias, tecidos, desenhos. Sugere-se que grupo seja o mesmo nas três disciplinas;
- O professor de História pode explicar a importância dos instrumentos nos rituais e seu papel na preservação da cultura afro-brasileira e orientar cada grupo a estudar um instrumento e preparar cartazes sobre ele, com destaque para o material de confecção, os sons produzidos, a função dentro dos rituais. Os estudantes podem pesquisar em suas próprias comunidades se há pessoas envolvidas em terreiros que possam trazer mais informações a respeito desse tema, servindo-se da metodologia do trabalho de campo antropológico e da história oral;
- O professor de Arte pode propor que os alunos façam representações visuais dos instrumentos escolhidos, podendo ser desenho, gravuras, réplicas ou versões adaptadas, utilizando materiais reutilizáveis como garrafas PET, latas de achocolatado, de tinta ou de leite, destacando seus detalhes e significados culturais, identificando os sons e ritmos, além de informações técnicas associados aos instrumentos;
- O professor de Português pode ajudar o grupo a analisar doutrinas e trabalhar a oralidade nas religiões afro-brasileiras, organizando cartazes ou instalações.

	<p>- O professor de Educação Física pode trabalhar, de forma teórica e/ou prática, a questão do ritmo e a corporeidade nas religiões afro, utilizando textos citados nas referências abaixo.</p> <p>2ª Aula</p> <p>- Alunos e professores organizarão o espaço em que será realizada a feira, ornamentando com elementos que remetem às religiões afro, como toalhas, bandeiras, indumentárias, tecidos, plantas, esteiras de palha, ou o que mais os alunos conseguirem levar. Além disso, devem convidar outras turmas da escola para visitar a feira e ouvir as apresentações dos grupos, e, inclusive as famílias dos estudantes.</p> <p>3ª aula</p> <p>- Culminância: Realização da feira musical com exibição das produções: instrumentos, réplicas ou versões adaptadas, apresentação sobre a importância das doutrinas, da oralidade, dos ritmos e movimentos corporais nas religiões afro através de cartazes, sons, exibições em vídeo por meio de data show, músicas em caixas de som, demonstrações ao vivo ou instalações.</p> <p>- Avaliação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Participação nas atividades e discussão coletiva. • Qualidade e criatividade das representações visuais e instrumentos criados. • Capacidade de estabelecer conexões entre cultura, história e arte.
<p>Referências</p>	<p>- BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 20 de janeiro de 2024.</p>

____. **Documento Curricular do Território Maranhense:** para a Educação Infantil e o Ensino fundamental. 1ª ed Rio de Janeiro: FGV, 2019, 487 p.

NEGRI, Pablo Rodrigues. A musicalidade no candomblé: música e corpo como elementos rituais **Revista Brasileira de Música**, v. 25, n. 1, 2012.

OMENA, Maria Cristina de Souza. **Corpo e dança no Candomblé:** saberes de corpo inteiro. Tese de doutorado: USP, 2006.

PACHECO, Gustavo. A música do Tambor de Mina. **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**, nº 28, p. 16-23, São Luís, junho, 2004.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O corpo da fé:** um estudo sobre o corpo e a religião no Candomblé Editora: Terceiro Nome, 2007.

SIMAS, Luiz Antônio & RUFINO, Luiz. **Encantamento:** Sobre política de vida Editora: Mórula, 2020.